

INÁCIO DA CATINGUEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM NEGRO NA HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA

Luciany Aparecida Alves Santos¹

Introdução

Inácio da Catingueira é descrito na historiografia da Literatura de Cordel brasileira como o lendário cantador paraibano de finais do século XIX. Negro e escravizado o Cantador de pelejas e improvisos tem em torno de suas origens diversas suposições. Neste artigo faremos um breve levantamento de algumas dessas descrições presentes nos livros do começo do século XX.

Antes de falar sobre o personagem Negro, faz-se necessário compreender como a historiografia da literatura de cordel brasileira foi construindo ao longo do tempo o discurso sobre as influências culturais africanas na poética popular do Brasil.

Historiografia século XIX: Silvio Romero

Iniciamos nossas observações no século XIX no estudo do pesquisador Silvio Romero intitulado *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Textos que segundo o pesquisador Luis da Câmara Cascudo foram inicialmente publicados na *Revista Brasileira* no Rio de Janeiro em 1879 e reunidos completamente num tomo em 1888. Tendo sua segunda edição em 1977 lançado pela editora Vozes em convênio com o Governo do Estado de Sergipe.

Os Estudos sobre a poesia popular do Brasil de Silvio Romero são divididos em X capítulos. A temática sobre as influências e relações culturais entre as culturas africanas e brasileiras são mencionadas no capítulo I e do VII ao X.

Silvio Romero introduz seus estudos falando de sua descrença na importância da literatura popular em contrapartida as teorias românticas disseminadas em sua época.

Pretendia em algumas províncias do país, por onde tinha que passar, fazer um apanhado de cantos e contos de nosso povo, como base para uma refutação ao escrito de José de Alencar, *O nosso cancionero*, e a demora (...) forneceu-me o ensejo de reunir toda a coleção que ora submeto ao juízo público. (ROMERO, 1977, p. 31)

Explicados os motivos de ter se dedicando a tal pesquisa, Romero inicia seus estudos afirmando que “três são as categorias de população em que se pode proceder ao estudo da poesia popular” (ROMERO, 1977, p. 32)

À primeira vista parece que o povo do Brasil é dos mais adequados agora para o estudo da poesia e das crenças populares, por conter nada menos de três distintos ramos de procedências. *O caboclo, o negro e o branco...* que belo ensejo oferecem para apreciar-se o cruzamento das idéias a par do cruzamento das raças! O engano desaparece, considerando-se de perto o estado da população atual e a primitiva situação dos povos que para ela concorreram. (ROMERO, 1977, p. 33).

¹ Programa de Pós Graduação em Letras/UFPB.

Na citação podemos notar a influência dos estudos naturalistas presentes no Brasil no final do século XIX que discursavam sobre a mestiçagem dos povos americanos. O autor primeiro afirma que o Brasil teria as três categorias necessárias para a produção de uma poesia popular, no entanto, “o engano desaparece” ao considerar a população atual como negativa e ao referir-se ao primitivismo dos povos que a compuseram.

Romero ressalta ainda que

Bem se compreende que nesta aquisição devem ficar fora do quadro o português *nato*, o negro da *Costa*, e o índio *selvagem*, que existem atualmente no país, porque não são *brasileiros* e sim *estrangeiros*. O genuíno nacional é o descendente destas origens. (ROMERO, 1977, p. 33).

Reafirmando no fim a teoria cientificista da mestiçagem, ao referir-se ao genuíno nacional, teoria que em diversos momentos definia como genuíno e como brasileiro o que se relaciona com a “cultura” branca européia. Logo o que se viu foi uma mestiçagem de uma só cor e de uma só idéia.

O *genuíno* brasileiro de hoje, como geralmente se apresenta, é em regra um resultado de cada um dos três *fatores* principais em separado, ou de dois, ou de todos três. Educado porém sob domínio da civilização de um só dos concorrentes primordiais, só reflete com exatidão os dados que lhe deve, deixando quase que obliterados os que lhe vieram das outras origens. O fator português lhe pesa-lhe com mais força por meio de sua civilização, sua língua sua religião e suas leis. Os outros não se mostram tão distintamente. (ROMERO, 1977, p. 34)

O autor refere-se à influência portuguesa na língua, na religião e nas leis como um fator natural visto o fato desta, segundo Romero, ser primordial em relação às outras. Como se as três categorias populacionais vivessem as mesmas relações sociais e de poder. Reafirmando esse pensamento o autor exemplifica:

Quase sempre encontrei os negros filhos de África, aqui vivendo, ou completamente olvidados de sua língua e idéias nativas ou em estado de não poderem dar esclarecimentos apreciáveis a semelhante respeito. Os que se lembram ainda da língua, acham-se por tal forma entrelaçados em os nossos costumes, que não são mais, em rigor, um documento vivo das suas primitivas crenças. (ROMERO, 1977, p. 34)

Ou seja, o negro estava “aqui vivendo” expressão usada de forma frescal, languida que parece que o negro filho de África estava no Brasil a passeio e por descaso esqueceu suas tradições. Romero ressalta que esse negro esquecido não serve mais como um documento vivo que se podia catalogar para registro das “primitivas crenças” desse povo. E em protesto ressalta:

Devo aqui, de passagem, fazer um reparo e exprimir um anelo. É vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas. Quando vemos homens como Bleek, refugiarem-se dezenas e dezenas de anos nos centros da África somente para estudar uma língua e para coligir uns mitos, nós que temos o material em casa,

que temos a África em nossas *cozinhas*, como a América em nossas *selvas*, e a Europa em nossos *salões*, nada havemos produzido neste sentido! É uma desgraça. (...) nós vamos levemente deixando morrer os nossos negros da Costa, como inúteis e iremos deixar a outros o estudo de tantos dialetos africanos que se falam em nossas *senzalas*! O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e mau grado sua ignorância, um objeto de ciência. (ROMERO, 1977, p. 35)

Ao protesto de Romero se pode até inferir que o pesquisador pensou a partir de uma perspectiva de preservação de tradições africanas, mas o que se percebe é o lugar do negro escravizado do século XIX sendo posto na cozinha, na senzala e a preocupação não é com sua cultura, mas com o temor de perder essa pesquisa para outra “civilização”. O negro escravizado é desumanizado, entendido como “máquina econômica”. Em seu protesto o autor sugere colocá-lo na condição de “objeto da ciência” categoria que o mantém na condição de desumano.

É baseado nessas teorias que Romero irá descrever no seu livro os estudos sobre a poesia popular do Brasil. E que irá fazer seguidores para suas teorias.

Historiografia século XX: Luis da Câmara Cascudo

No começo do século XX com o advento do folclore na escrita dos pesquisadores brasileiros novas pesquisas compuseram a historiografia da literatura popular. Dentre elas destacamos as do pesquisador Luis da Câmara Cascudo, que se manteve fiel aos preceitos de Silvio Romero.

Em 1952, Luis da Câmara Cascudo publica o livro *Literatura Oral no Brasil*, livro que apresentará uma segunda edição em 1978. O livro é composto por X capítulos, sendo o capítulo IV dedicado exclusivamente a pesquisas sobre as influências “afro-negras” no folclore e na literatura oral brasileira. Para tanto a pesquisa contou com uma viagem de Cascudo a alguns países da África, como Angola. Viagem que mesmo sendo breve, e em apenas alguns países não impediu o autor de fazer as seguintes generalizações: “Toda África ainda mantém seus escritores verbais, oradores das crônicas antigas, cantadores das glórias guerreiras e sociais, antigas e modernas, proclamadores das genealogias ilustres.” (CASCUDO, 1978, p. 154).

Sobre os narradores da literatura oral Africana Cascudo irá referir-se aos griotes,

Os griotes formam uma casta especial, cantando e dançando para o povo ou entidades ricas. A profissão é hereditária e essa capitalização de experiência consegue, naturalmente, milagres na representação mímica e fisionômica, inflexão de voz e posição do corpo na personalização das figuras evocadas nas histórias. Os griotes podem ser homens ou mulheres. Tocam (...) a cora (espécie de violão), etc. Um griote deve saber muitíssimo bem a genealogia dos cidadãos mais famosos da cidade. No mínimo até sétimas gerações sob pena de não ter direito ao pagamento. (CASCUDO, 1978, p. 154).

No Brasil, poderíamos comparar os griotes aos cantadores de feira livre, que para falar seus versos, ou mais tarde para vender seus folhetos encenavam seus poemas nas praças. Ou mesmo os cantadores que são contratados para cantarem em festas.

Na categoria de narradores da literatura oral, Cascudo destaca ainda a mãe-negra brasileira como uma gentil cantadora de lendas, mais uma vez a presença da teoria bestial do negro escravizado como manso

No Brasil depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças, aproximando-as do sono com as estórias simples, transformadas pelo seu pavor, aumentadas na admiração dos heróis míticos da terra negra que não mais havia de ver. (...) Humilde Sheerazada, conquistava, com a moeda maravilhosa, um canto na reminiscência de todos os brasileiros que ela criava. (...) Os ouvidos brasileiros habituaram-se às entonações doces das mães-pretas e sabiam que o mundo resplandecente só abriria suas portas de bronze ao imperativo daquela voz mansa, dizendo o *abra-te, sésamo* irresistível: *era uma vez...* (CASCUDO, 1978, p. 155).

Nada fora do lugar comum do quadro naturalista e determinista pintado pelo autor, a negra escravizada aparece na imagem como um ser manso e servil, como se servir fosse sua condição natural de existir. Imagens naturalistas e deterministas que têm como embasamento teórico o livro, *Casa Grande e Senzala* do escritor Gilberto Freyre. (CASCUDO, 1978, p. 155).

Historiografia século XX: Manuel Diégues Júnior

Entre as décadas de 1960 a 1970 a Fundação casa de Rui Barbosa promove a pesquisa e catalogação de diversos textos sobre a poesia popular em verso. Pesquisas que resultam na publicação de vários Tomos de estudo, catalogação e antologia sobre essa poética. Textos que ajudam a compor a historiografia da literatura popular brasileira.

No Tomo I dessa historiografia, intitulado *Literatura Popular em versos: Estudos*, Manuel Diégues Júnior apresentará um texto intitulado *Ciclos temáticos na Literatura de Cordel*. Na introdução desse estudo Diegues Junior fala sobre possíveis relações entre as poéticas de cordel desenvolvidas no nordeste brasileiro e as poéticas orais observadas em alguns países da África. O autor levanta elementos para justificar a região nordeste do Brasil como lugar naturalmente propício para o surgimento dessas poesias, visto que segundo o autor no Nordeste havia mais negros. Inácio da Catingueira é citado por Diégues Júnior como exemplo desse cantador negro nordestino:

Justamente a presença de negros cantadores de estórias, os bantos, foi mais sensível no Nordeste. E decerto teriam tido eles também influencia na difusão desse hábito. Saliente-se também que entre os cantadores mais conhecidos alguns são negros; e de um negro escravo se guarda a tradição de maior cantador do Nordeste: Inácio da Catingueira. (DIEGUES JUNIOR, 1973, p. 12).

Diegues Junior seguiu fielmente seus tutores teóricos Silvio Romero e Câmara Cascudo, e ao fazer referência aos narradores africanos demonstrados por Câmara Cascudo, faz todo um rodeio para admitir uma possível relação entre o narrador de culturas africanas e o narrador de cordel brasileiro.

Na tradição Africana, encontramos também a presença do narrador, principalmente para contar uma estória ou narrar um fato. Se não se pode incluir como fonte subsidiária de nossa literatura de cordel, não se pode, por outro lado, excluir de referência, no estudo da poesia ou da narrativa tradicional, na cultura popular brasileira. (DIEGUES JUNIOR, 1973, p. 12).

As imagens sobre Inácio da Catingueira que foram sendo desenvolvidas ao longo do século XX não fugiram as bases teóricas naturalistas e deterministas descritas desde finais do século XIX. Como observamos na fala do pesquisador Orígenes Lessa

Incapaz de escrever, com pouca gente a sua volta em condições de registrar os seus repentos nas noites de cachaças e pandeiro batendo (seu acompanhamento favorito) o grosso de sua produção se perdeu. O que ficou, porém, foi sendo automática e precariamente folclorizado (...) chegados até nós num clima de lenda. (LESSA, 1982 apud MOURA, 2004, p. 200)

Observamos nessa fala de Lessa a reprodução folclórica da imagem do Cantador, que o próprio autor parece criticar, no entanto a reproduz. Descrito como um sujeito “incapaz” de escrever suas produções e cercado de pessoas também incapazes de “registrar os seus repentos” devido a noites de “cachaças”. Inácio da Catingueira é descrito como um fanfarrão que vive num espaço idílico de festas e bebidas e que tem como “companheiro favorito” um pandeiro. Orígenes Lessa argumenta que foram por esses motivos que a produção do poeta se perdeu. Elementos históricos que compunham a vida de um escravizado no século XIX são desconsiderados, o que fica são apenas as imagens naturalizadas que cercam o Cantador de lendas e ficções. Crítica que em partes o pesquisador Orígenes Lessa tentou levantar.

O personagem Negro Inácio da Catingueira: contradições

Foi em meio a essa formação teórica que surge informações sobre o cantor negro Inácio da Catingueira. Cantador paraibano, nascido no começo do século XIX, as informações que aparecem na historiografia sobre o autor indicam diferentes datas de nascimento e morte, e possíveis fazendas as quais ele teria sido escravo. O único ponto no qual todas as informações sobre o poeta coadunam é em afirmá-lo como negro escravizado e exímio cantor. E esses destaques, geralmente, seguem juntos, visto que para os historiadores que descreviam o fato era surpreendente um negro escravizado apresentar expressiva habilidade.

Ignácio (da Catingueira) era escravo e morreu nesta condição. De côr escura e analfabeto, causava admiração por tôda a parte o seu talento. Era conhecido pela denominação do povoado onde morava com seu senhor, na ribeira do Piancó. (CARVALHO, 1967, p. 337)

Inácio é lembrado na historiografia da literatura de cordel como o grande cantor nordestino que enfrentou o cantor Romano do Teixeira ou Romano da Mãe D'Água que afamado na época como grande pelejador precisou recorrer a dizeres científicos para não perder a disputa com Inácio.

No começo do século XX Inácio da Catingueira é descrito na historiografia literária, por Rodrigues de Carvalho no livro *Cancioneiro do Norte* livro de 1903, por Leonardo Mota no livro *Violeiros do Norte* publicado em 1925, por Câmara Cascudo no livro *Vaqueiros e Cantadores* publicado em 1939, e a partir de meados do século XX por diversos outros pesquisadores e estudiosos como Graciliano Ramos e Orígenes Lessa.

Em 2003 o Cantador e Pesquisador José Alves Sobrinho lança um livro intitulado *Cantadores, Repentistas e Poetas Populares*, no qual o autor reserva um ponto específico do livro para ressaltar como a “história de Inácio da Catingueira é controversa e duvidosa” (SOBRINHO, 2003, p.193).

A primeira contradição destacada pelo autor refere-se às condições de morte e enterro de Inácio. Segundo Alves Sobrinho “Rodrigues de Carvalho no seu *Cancioneiro do Norte* (p. 332), cita uma carta do historiador Irineu Joffily que, entre outras, diz: “Ignácio da catingueira era escravo e morreu nesta condição” (SOBRINHO, 2003, p.193). Já Câmara Cascudo, em *Vaqueiros e cantadores* (p. 311) diz:

“O grande negro nasceu no dia de Santo Inácio de Loiola, 31 de julho, na fazenda e povoação de catingueira perto do Teixeira, ribeira do Piancó, Paraíba e faleceu aí sexagenário em fins de 1879”. (SOBRINHO, 2003, p.193).

Sobre a mesma questão, Alves Sobrinho ressalta que

Leonardo Mota confirma em *Violeiros do Norte* (p.92): “Falecido em 1879, não foi sepultado na fazenda, como eram todos os escravos. O cadáver do grande negro foi transportado, em rede, para o cemitério da povoação de Teixeira num pleito póstumo de piedade e carinho”. (SOBRINHO, 2003, p.193).

Ainda segundo Alves Sobrinho, Câmara Cascudo em *Vaqueiros e Cantadores do Norte*, na página 311 cita Francisco das Chagas Batista, e que este afirmava que Manoel Luiz, o suposto dono do Cantador escravizado,

deu carta de alforria ao seu escravo, constituindo ele seu maior e justo desvanecimento. Note-se para os documentos dos costumes de outrora, que o escravo nunca encontrou proibição da parte de seu senhor para deixar Catingueira por longos meses, ir para onde quisesse e guardar para si os frutos das cantorias rendosas. (SOBRINHO, 2003, p.193).

O depoimento sugere que Inácio vivia livremente a circular pelas regiões vizinhas, sem muita proibições e ainda, que seu ganho ficava para ele mesmo. O que não podemos afirmar que teria sido verdade ou não. Porém, o que se pode observar, a partir da fala referida ao Padre Manoel Otaviano por Alves Sobrinho, é que Inácio rendeu muito dinheiro para a família que o tinha como escravizado.

O Padre Manoel Otaviano, em sua conferência “Ignácio da Catingueira” (p.14) diz: “Inácio morreu moço, aos trinta e dois anos ou trinta e três anos de idade. Dizem que ele nasceu em 1845. Segundo uns faleceu em 1881, 1882 segundo outros. A causa da morte foi forte pneumonia apanhada em trabalhos de roçado, queimando uma broca. Foi cativo também de Francisco Fidié que o herdou de seu sogro Manoel Luís, em 1875, quando tinha ele trinta anos completos. No inventário de Manoel Luís foi avaliado por 1.200\$000 na moeda do tempo.” (SOBRINHO, 2003, p.193).

O pesquisador Alves Sobrinho não deixou de destacar o depoimento de Rodrigues de Carvalho inscrito numa citação na página 337 do livro *Cancioneiro do Norte* no qual o autor afirma ter lido no Jornal da Parahyba *O Commercio*, edição de agosto de 1902 a seguinte notícia:

“D. Aauto, Bispo desta diocese, na sua excursão interior do estado, acaba de fazer, um batismo célebre, o de uma velha africana de 118 anos, conhecida

pelo nome de Catharina e que confessou ser mãe do famoso Ignacio da Catingueira.” (SOBRINHO, 2003, p.194).

Como já observadas pelo pesquisador Alves Sobrinho, são várias as contradições que envolvem as descrições sobre o Cantador Paraibano Inácio, o que causa uma lacuna na historiografia da literatura popular em versos brasileira.

Por todas essas dúvidas, prometi a mim mesmo e aos cantadores de nossa geração que um dia escreveria, pelo menos, qualquer coisa mostrando ao público e aos pesquisadores modernos que nem tudo que no passado se escreveu sobre cantadores e poesia popular cantada e escrita representa necessariamente uma autêntica verdade. (SOBRINHO, 2003, p.194).

Sugestão final

Neste artigo tivemos como objetivo demonstrar que podem existir diferentes verdades para um mesmo fato, ou melhor, para um mesmo personagem. Afinal o que foi produzido por Inácio da Catingueira resistiu na memória de diversos cantadores que foram passando os versos do pelejador ao longo do tempo. O que ressaltamos é que sobre essas recordações da memória valores diversos podem ter sido atribuídos e lendas podem ter sido criadas.

Como já ressaltamos não pretendemos chegar a uma verdade, mas refletir e sugerir revisões a historiografia da literatura de cordel brasileira que nos é posta como verdade findada no tempo e “encerrada em sete véus” onde nada pode ser questionado ou recriado. Quando historicamente o que observamos é que essa historiografia foi também construída, inventada, enfeitada, naturalizada sempre a partir do viés de análise do branco dos códigos teóricos europeus que mesmo ao admitir as influências das culturas africanas na produção poética brasileira o fazem como o registro de uma relação primitiva de dominador para dominado.

Ressaltamos novamente a necessidade de uma revisão historiográfica que rediscuta as influências e origens das culturas de povos africanos a literatura popular brasileira. O que pode ser desenvolvido a partir da revisão de personalidades negras que atuaram nessas artes como o caso do celebre Cantador Inácio da Catingueira.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. O nosso cancioneiro. Campinas: Pontes, 1994.
- CARVALHO, Rodrigues de. Cancioneiro do norte. Rio de Janeiro: Instituto nacional do Livro, 1967.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Literatura oral no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Vaqueiros e cantadores. São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: *Literatura Popular em Versos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1973. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA. Literatura popular em verso. Tomo III. *Antologia. Leandro Gomes de Barros - 2*. Rio de Janeiro, 1977.
- MOTA, Leonardo. Cantadores. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1978.
- MOURA, Clovis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- RAMOS, Graciliano. Viventes das Alagoas. São Paulo: Record, 1984.

ROMERO, Silvio. Estudos sobre a poesia popular do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

ROMERO, Silvio. Cantos populares do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

SOBRINHO, José Alves. Cantadores, repentistas e poetas populares. Campina Grande: Bagagem, 2003.